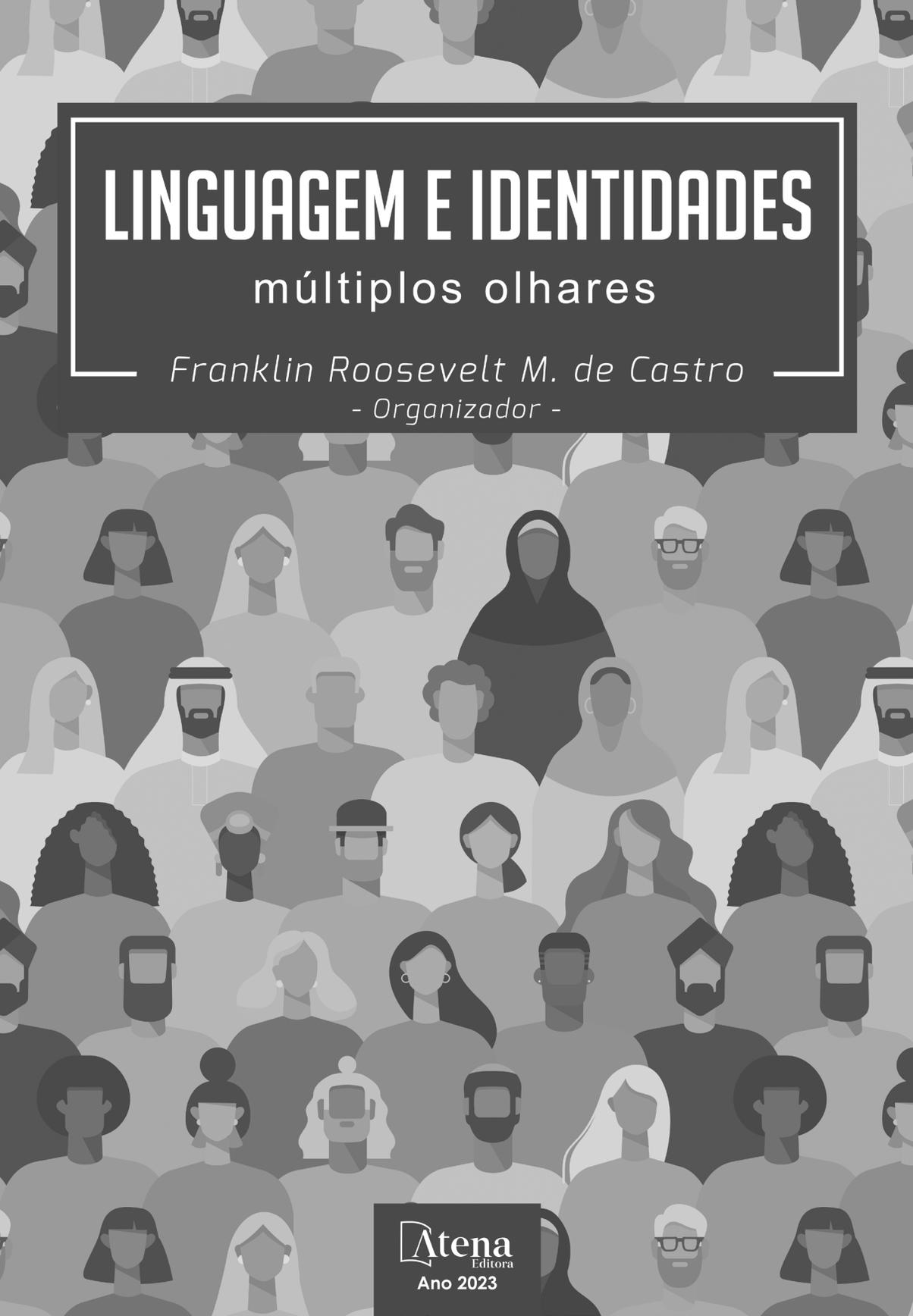


LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

Franklin Roosevelt M. de Castro
- Organizador -

Atena
Editora
Ano 2023



LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

Franklin Roosevelt M. de Castro

- Organizador -

Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Linguagem e identidades: múltiplos olhares

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Franklin Roosevelt Martins de Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguagem e identidades: múltiplos olhares / Organizador
Franklin Roosevelt Martins de Castro. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0910-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.106233101>

1. Linguística. 2. Literatura. 3. Identidade. 4.
Linguagem. I. Castro, Franklin Roosevelt Martins de
(Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

As identidades são complexas e dinâmicas em um mundo globalizado e marcado pela diversidade cultural, política e social. Este livro busca oferecer aos leitores uma visão ampla da intrincada relação entre linguagem e identidade. Como nossas práticas de linguagem constituem e são constituídas pelas nossas identidades?

Da Literatura, às atividades escolares; do nosso modo de falar ao modo como nos percebemos, o livro “Linguagem e identidades – múltiplos olhares” reúne sete textos que ao estilo de uma sinfonia, expressa um tom e um instrumento de olhar e escuta. Os capítulos podem ser lidos individualmente sem afetar a visão geral, ou podem seguir uma sequência. Há quatro capítulos dedicados a refletir a respeito das identidades linguísticas seja por uma visão sociofonética descrita por Beatriz Freire, ou por Emerson Brandão e Franklin Castro ao interpretarem a autopercepção da fala de moradores da cidade de Parintins – AM. Na esteira das línguas indígenas, Marlon Azevedo nos expõe a visão etnolinguística sobre o povo Sateré-Mawé, localizado do Baixo Amazonas, e o quanto a preservação das línguas originárias são um patrimônio imaterial incalculável. Luiz de Carvalho se debruça sobre as práticas linguísticas nas escolas, e modo como elas constituem papéis sociais e promovem identidades autônomas aos cidadãos de múltiplos letramentos.

Quando se trata da Literatura e a construção de identidades, deparamo-nos com o capítulo de Sahmaroni Rodrigues que se pergunta sobre a escritura de autor e os diversos fios discursivos que se amalgamam em sua subjetividade autoral. Joiciany Sarmento, em sua pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso em Letras ergue o volume das vozes do feminismo, com destaque às escritoras negras, em especial Carolina de Jesus. Quem são estas mulheres? Qual é o seu lugar de fala? Estas perguntas norteiam o texto das autoras. Por fim, Delma Sicsú e Danglei Castro nos presenteiam com uma reflexão sobre o tema da morte na Literatura Indígena de Yaguarê Yamã. Não há mais espaço para uma academia que silencia mulheres pretas e escritores indígenas. O texto dos autores é uma visibilização das vozes das florestas e de toda a sua riqueza cultural, cosmológica e científica. O que deixamos de aprender com os povos do Brasil?

Desejamos que estes textos cheguem a todos os leitores e pesquisadores ávidos por novas maneiras de existência, pautadas no Amor, no Respeito, e na Diversidade.

Franklin Roosevelt Martins de Castro
Parintins, 08 de novembro de 2022

CAPÍTULO 1	1
IDENTIDADE LINGUÍSTICA: UM ESTUDO SOCIOFONÉTICO	
Beatriz Funayama Alvarenga Freire	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331011	
CAPÍTULO 2	17
IDENTIDADE LINGUÍSTICA: ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA FALA PARINTINENSE	
Emerson Lopes Brandão	
Franklin Roosevelt Martins de Castro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331012	
CAPÍTULO 3	31
LÍNGUA E LINGUAGEM DO POVO INDÍGENA SATERÉ-MAWÉ NO MÉDIO AMAZONAS	
Marlon Jorge Silva de Azevedo	
Andrew Ira Nevins	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331013	
CAPÍTULO 4	45
OFICINAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL MINERVINA REIS FERREIRA, PARINTINS/AM.	
Luis Alberto Mendes de Carvalho	
Tatiana Oliveira Pereira	
Claudenilza Bezerra de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331014	
CAPÍTULO 5	60
“NÃO SOU ESCRITORA, EU ESCREVO”: LITERATURAS SUBTERRÂNEAS, TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS	
Sahmaroni Rodrigues de Olinda	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331015	
CAPÍTULO 6	75
A REPRESENTAÇÃO E AUTORREPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA QUARTO DE DESPEJO	
Joiciany Melo Sarmiento	
Delma Pacheco Sicsú	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331016	
CAPÍTULO 7	90
O EFEITO ESTÉTICO DA MORTE EM QUATRO NARRATIVAS DA LITERATURA INDÍGENA AMAZONENSE	
Delma Pacheco Sicsú	
Danglei de Castro Pereira	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331017>

SOBRE OS AUTORES 109

IDENTIDADE LINGUÍSTICA: ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA FALA PARINTINENSE

Data de aceite: 26/12/2022

Emerson Lopes Brandão

Estudante do Curso de Letras na Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: emelopezbran.18@hotmail.com

Franklin Roosevelt Martins de Castro

Professor de Linguística na Universidade do Estado do Amazonas. graduado em em Letras e em Filosofia. mestre em Filosofia. Doutorando em linguística pela UNICAMP.
E-mail: fmcastro@uea.edu.br

a palatalização constitui a sua identidade linguística.

Essa pesquisa seguiu a abordagem qualitativa por meio de perguntas aos informantes, no sentido de extrair avaliações sobre sua forma de falar. Este texto divide-se em introdução, tópicos I. Língua e Linguagem, II. Fonética e Fonologia e III. Processos fonológicos e palatização do /S/ em coda silábica; além da descrição da metodologia, análise dos dados e considerações finais.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo surge de uma monografia de conclusão de curso de graduação, intitulado “Análise fonética e fonológica da palatização do /s/ em coda silábica em final de palavra no dialeto Parintinense” cujo objetivo é observar e analisar o fenômeno da palatização e sua realização na fala dos moradores desse município do Amazonas. Também, delimitar quais os contextos linguísticos e sociais podem afetar esse fenômeno na fala desses moradores, observando como

2 | LÍNGUA E LINGUAGEM

Em termos gerais a linguagem é um mecanismo do qual o ser humano usa para transmitir conceitos e é tratada como um processo de interação. A língua, por outro lado, é um conjunto de palavras e combinações específicas que são compartilhadas por determinadas sociedades.

Koch (2010) destaca três principais teorias de como a linguagem tem sido

concebida ao longo da história. O primeiro ponto, é a linguagem como representação do mundo e do pensamento, “o homem representa para si o mundo através da linguagem” (Koch, 2010, p. 07), aqui a língua tem função de “representar (refletir) seu pensamento e seu conhecimento do mundo”. (Koch, 2010, p. 07)

Outro ponto é a linguagem como instrumento de comunicação, nessa concepção segundo Koch (2010) a língua é um código, na qual um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens. Já o papel da linguagem é a transmissão de informações. A terceira concepção da autora é aquela que encara a linguagem como atividade e também como forma de ação.

Ação interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comprometimentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistente. (KOCH, 2010, p. 07-08)

Já Lyon (1987) diz que a língua é fundamental para possuir ou usar uma linguagem. Nesse sentido, a língua é fundamentalmente importante para a linguagem, pois faz parte de um sistema de comunicação. Sendo assim, segundo Farias (2010, p. 12-13) “a linguagem é um todo que abrange vários sistemas de comunicação, ou seja, inclui outros tipos de linguagens. Dessa maneira, a língua é um dos sistemas que pertence a linguagem humana”.

Dessa forma, Farias (2010) aponta que a linguagem e a língua são entendidas em um sentido amplo, que inclui outros sistemas de comunicação. Ressalta também, que a linguagem pode ser entendida como uma capacidade humana, na qual o homem é o único que possui capacidade e habilidade para fazer uso do sistema da linguagem da comunicação.

Na concepção da linguística moderna, na qual Saussure é considerado criador, nessa visão temos a linguagem como instrumento de comunicação e a língua é vista como estrutura. A concepção de língua no conceito Saussuriano, implica três aspectos: hábitos linguísticos, produto social e sistemas de signos.

Além disso, outro ponto que podemos assinalar, é de Noah Chomsky, na qual a linguagem é uma capacidade inata do ser humano, “Chomsky concebe a língua como uma capacidade inata do homem, está para a concepção de linguagem em um sentido amplo” (Farias, 2010, p. 20). A autora aponta ainda que a língua não deve ser vista como um produto, mas sim como a habilidade que gera esse produto, as regras são internalizadas ao entrarem em contato com a comunidade linguística primária.

Na visão da teoria da enunciação, leva-se em consideração, a situação, o lugar e o sentido. Logo, isso compõem a chamada língua de funcionamento. Para Farias (2010, p. 27) na linguística da enunciação é que a linguagem passa a ser vista como forma de

ação por meio da linguagem e lugar de interação entre os indivíduos, nas manifestações linguísticas em situações concretas.

3 | FONÉTICA E FONOLOGIA

A língua(gem) é de fato o fator primordial para a realização da comunicação do ser humano, que aprende a decodificar os sons e atribui-lhes sentidos e símbolos diversos. É isso que nos diferencia de outros seres vivos, sua capacidade de atribuir significado para número infinito de sons produzidos por eles, contribuindo para o compartilhamento deles na comunidade linguística que vive.

Para Bisol (2005) a língua é o meio mais completo de comunicação entre indivíduos, usado por todos os seres humanos, é natural e integrante da vida humana. Além disso, os falantes que interagem socialmente uns com os outros, não têm noção da organização interna da língua e do sistema que a constitui.

Dessa forma, a fonética tem como preocupação, de acordo com Cagliari (2002) em descrever os fatos físicos que caracterizam linguisticamente os sons da fala. Descrevendo os sons, buscando dizer se os mecanismos e processos de produção de fala estão envolvidos em um determinado segmento ou cadeias sonoras da fala.

Bisol (2005) aponta que é o papel da fonética pesquisar sobre os sons do ponto de vista articulatório, analisando e verificando como os sons são articulados ou produzidos pelo aparelho fonador, pelo ponto de vista acústico, analisa as propriedades físicas de produção e propagações dos sons da fala, já pelo ponto de vista auditivo, fica responsável por analisar a recepção dos sons.

De acordo com Silva (2003), a fonética apresenta os métodos, as classificações e transcrição dos sons da fala humana. Já Bisol (2005) aponta que a fonética mostra os sons que efetivamente são produzidos pelos falantes, ou seja, cabe a ela estudar os sons que são produzidos pelos falantes em toda sua totalidade.

Dessa forma, Seara et. al. (2011) diz que podemos estudar os sons produzidos por um falante, partindo de sua forma fisiológica, ou seja, estudando os órgãos que produzem os sons, “tais como a língua, responsável pela articulação da maior parte dos sons da fala; e a laringe, responsável principalmente pela produção da voz que leva à distinção entre sons vozeados (sonoros) e não vozeados (surdos)”. (SEARA et. al. 2011, p. 11-12)

A fonologia é segundo Bisol (2005, p. 11), “a forma sistemática como cada língua organiza os sons”. Caracteriza-se pelo estudo dos sistemas de sons, também de sua estrutura e funcionamento, cabe a ela analisar a forma das sílabas, morfemas, palavras e frases, “como se organizam e como se estabelece a relação entre *mente e língua* de modo que a comunicação se processe” (BISOL, 2005, p. 11).

De acordo com Seara *et. al.* (2011) tem como preocupação tratar dos sons que distinguem o significado das palavras. Além disso, tem como objetivo de organizar, pressupor regras e entender como se realizam as variações na realização dos sons. Dessa forma, em outras palavras “O estudo fonológico neutraliza as variações intrínsecas à produção dos sons pelos falantes para explicar como ocorre o processo de comunicação e os fenômenos sistemáticos das línguas naturais”. (SEARA *et. al.*, 2011, p. 21)

Nesse sentido, os estudos fonológicos, precederam os estudos fonéticos, voltado para a os sons da fala, e dessa forma “à medida que o olhar sobre o objeto da fonologia [...] mudava, mudavam também as teorias acerca desse objeto”. (SEARA *et. al.*, 2011, p. 68) Com isso, fazendo surgir diversas teorias que tentam propor modelos que serão capazes de descrever os sons da língua, interpretá-los com base nas suas funções dentro de um sistema linguístico, “como também as suas variantes contextuais ou posicionais”. (SEARA *et. al.*, 2011, p. 68) Dentre essas as mais importantes são a estruturalista, funcionalista e a gerativista, cada uma dessa forma de modelar a língua tem sua particularidade em interpretar e entender a linguagem humana.

A corrente estruturalista, tem como base as dicotomias de Saussure; a divisão entre língua e fala, também forma e substância. Seara *et. al.* (2011) diz que a língua é um sistema linguístico, isso considerando todas as suas “regularidades e padrões de formação que subjazem aos enunciados de uma língua” (WEERWOOD apud Seara *et. al.*, 2010, p. 68). Já a fala, são enunciados reais, que irão diferenciar falantes de falantes e situações de situações.

A fonologia gerativista por outro lado foi uma superação das ideias proposta pelos estruturalistas, tendo como seu principal nome N. Chomsky, que apresenta para a comunidade linguística uma nova dicotomia. Como afirma Seara *et. al.* (2011, p. 70) “entre o conhecimento que uma pessoa tem das regras de sua língua (**competência**) e o uso efetivo dessa língua (**desempenho**).

A noção de que fonemas constituem-se em feixe de traços distintivos que o opõem os morfemas e as palavras entre si é também abarcada pela Fonologia Gerativista, que tenta especificar os traços, chamados de fonéticos, a partir da representação das capacidades fonéticas do ser humano, sem levar em conta nenhuma língua especial. (SEARA *et. al.*, 2011, p. 70)

Os traços fonéticos de uma língua trazem contrastes lexicais para definir classes gramaticais, chamados de traços fonológicos. Seara *et. al.* (2011) afirma que o modelo de fonologia mais aceito e entendido, é o da fonêmica. Que parte do particular ao mais geral. Nesse sentido, Silva (2003) aponta um dos objetivos da fonêmica é fornecer aos indivíduos e falantes o instrumental para a conversão da linguagem oral, ou seja, a fala, em código escrito.

4 | PROCESSOS FONOLÓGICOS E A PALATALIZAÇÃO DO /S/ EM CODA.

Os processos fonológicos são alterações de sons, que ocorrem em formas básicas dos morfemas, “são explicadas através de regras que caracterizam processos fonológicos”. (CAGLIARI, 2002, p. 99)

Dessa forma, esses processos que alteram sonoramente o morfema, podem ocorrer para formar palavras ou no início ou no final de palavras justapostas. Segundo Seara et. al (2011) estão divididos em quatro categorias: assimilação, estrutura silábica, enfraquecimento e reforço. A assimilação, segundo Cagliari (2002) acontece quando um som se torna semelhante a outro, ou seja, “um segmento assume os traços distintivos de um segmento vizinho” (SEARA et. al., 2011, p. 109). Dessa forma, adquirindo uma propriedade fonética que ele não tinha.

Pode-se ver esse processo na palatalização e na labialização. Na palatalização os lábios se posicionam para a emissão da vogal, podendo se sobrepor diante do gesto consonantal das consoantes vizinhas, “consoantes seguidas de vogal alta anterior tendem a ser palatalizadas, como *quilo* [‘kʲilʊ]”. (SEARA et. al., 2011, p. 109) A labialização “é a posição dos lábios que se mantém na emissão da consoante” (SEARA et. al., 2011, p. 109) Para Cagliari (2002) uma articulação secundária de arredondamento é acrescentada à articulação primária. Dessa forma, uma consoante, só estará na labialização, quando ocorrer entre duas vogais arredondadas, exemplo, /osu/→[osʷʊ]→(osso).

A estruturação silábica segundo Seara et. al. (2011) corresponde a alteração na distribuição de vogais e consoante, que podem ser inseridas ou eliminadas. Assim, dois segmentos se juntam, transformando-se em um único segmento, ou pode haver permuta entre eles. Ou seja, pode haver segundo Cagliari (2002) uma inserção, quando há um acréscimo de um segmento à forma básica de um morfema. Pode acontecer, um apagamento, uma supressão de um segmento da forma básica do morfema. Ou pode acontecer uma comutação, onde há troca de segmento de posição dentro de um morfema.

Entre os processos fonológicos, ainda podem existir o enfraquecimento ou redução e também o fortalecimento, a primeira corresponde às palavras que perdem um segmento, por exemplo, a palavra *fósforo*, proparoxitona, tende a perder a penúltima vogal, sendo pronunciada como [‘fɔsfɾʊ]. O fortalecimento tem a ideia contrária à redução, por exemplo, “quando uma fricativa vogal que se torna uma consoante também pode ser interpretado como um fenômeno de fortalecimento”. (CAGLIARI, 2002, p. 102).

Outro processo a ser destacado, é a neutralização, Seara et. al. (2011) aponta para dois segmentos que se fundem em um contexto específico, como por exemplo, *júri* e *jure* as vogais finais nessas palavras **e** e **i** são pronunciadas como *li*, sendo então pronunciadas como [‘ʒurɪ], assim a neutralização é referente à altura vocálica.

De acordo com Cagliari (2002) o fenômeno chamado de palatalização é um dos mais estudados do Brasil. É um fenômeno que ocorre em certos dialetos “em que os fonemas /t/ e /d/ têm como alofones [tʃ, dʒ], quando seguidos de vogal anterior alta [í, i]”. (CAGLIARI, 2002, p. 128) Como por exemplo, em tia [tʃia] e dia [dʒia].

Assim, a palatização acontece quando um segmento se torna palatal ou semelhante a um som palatal, quando passa a adquirir uma articulação secundária palatizada ou africativizada. Nesse sentido, “uma consoante oclusiva alveolar [t] torna-se uma africada palatoalveolar [tʃ], quando se encontra diante de uma vogal anterior fechada [i].

A palatização do /s/ em coda silábica pode acontecer em posição final, medial e em média e final. Segundo Pedrosa e Hora (2007) no falar paraibano, o /s/ se apresenta variável, pode acontecer como alveolar, ora como palatal, ora como glotal e até mesmo pode aparecer como apagamento, isso acontece pois, se modifica a depender da posição da sílaba na palavra. Para eles:

O /s/ de coda medial apresenta maior uso da fricativa coronal alveolar, [...] seguida da fricativa coronal palatal. A fricativa glotal apresenta pouca produtividade. [...] estando restrita aos itens mesmo ~ me[h]mo e desde ~ de[h]de. O apagamento também é pouco produtivo [...] e limita-se ao item mesmo ~ me[ø]mo. (PEDROSA E HORA, 2007, p. 5)

Além disso, essa variante palatal, em coda medial, fica restrita ao contexto dos fonemas /t/ e /d/. Nos demais contextos, “é a coda alveolar que aparece” (PEDROSA E HORA, 2007, p. 5) como por exemplo nas palavras, pa[s]ta, ca[s]ca, ra[z]ga e de[ʒ]de.

Já em coda final, o /s/ no falar paraibano apresenta “as variantes alveolar, palatal, glotal e o apagamento”. (PEDROSA E HORA, 2007, p. 5) Segundo Pedrosa e Hora (2007) diferentemente da coda medial, as variantes que são mais produtivas aqui são a alveolar e a variantes zera. Sendo que as variantes glotal e palatal são menos produtivas.

Para Pinto (2017) a palatização do /s/ é favorecido pela presença das variantes desvozeadas palatizadas nas capitais como São Paulo, Vitória, Goiânia, Curitiba, Campo Grande e Belo Horizonte. Além do /t/ dentoalveolar favorecer a palatização nas capitais.

Já sobre a palatalização no Amazonas, a professora Maria Luiza de carvalho Cruz, em sua tese de doutorado, intitulado *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)* chegou à conclusão de que:

[...] predominam as variantes alveolares de -S pós-vocálico nos contextos medial e final de vocábulo, tendo-se, no entanto, observado que as variantes pós-alveolares apresentam grande produtividade basicamente em três localidades: (1) Barcelos, (8) Itacoatiara e (9) Parintins. (Cruz, 2004, p. 08)

Além disso, por meio das pesquisas das cartas fonética-fonológica, Cruz (2004) chegou à conclusão de que as oclusivas alveolares /t/ e /d/ se realizam categoricamente como africadas pós-alveolares diante da vogal alta anterior /i/, nos demais contexto se

realiza como oclusivas alveolares.

Em Parintins, a pesquisa feita por Farias (2010) revelou que a fricativa alveolar /s/ se realiza na fala dos parintinenses, como fricativa palatal [ʃ] em posição de coda silábica ou diante de consoantes surdas como /p/, /t/ e /k/. Além dela a autora revelou que pode ocorrer a palatal sonora [ʒ] em palavras como “*desde, musgo, asma* em que o contexto se modifica para consoantes sonoras /d/, /g/ e /m/”. É partindo desses pressupostos que essa pesquisa se baseia para estudar o fenômeno da palatalização do /s/ em coda silábica na fala dos parintinenses.

5 | METODOLOGIA

A pesquisa realizou-se na cidade de Parintins, ilha que primeiramente foi habitada por indígenas, como Tupinabarana, Mudurucu, Sateré-Mawé, Aupixuna, Tupinambá, Parintintin. Segundo, Farias (2010), foram os primeiros habitantes da então ilha, antes mesmo da colonização da Amazônia pelos portugueses, a história de Parintins começa partindo dos nativos.

Passando pelas missões jesuítas que catequizaram os nativos, dando início a primeira comunidade chamada Vila Nova da Rainha, surgindo em 1796. Em 1853, município e vila foram instalados, 1958 foi elevada à comarca com o nome Parintins, por emenda parlamentar. Sendo elevada à categoria de cidade em 30 de outubro de 1880, com o nome de Parintins, recebendo esse nome em homenagem aos indígenas Parintintin.

A cidade se localiza à 635 km de distância da capital Manaus, e segundo dados do IBGE (2021) a população é estimada em 116.439 pessoas, tendo uma taxa de escolaridade de 6 a 14 anos de 93%, tendo um percentual de IDHM de 0,658 em 2015. Parintins tem uma área territorial de 5.956,047 km².

Como manifestações culturais temos os Bois bumbas Garantido e Caprichoso, mas também as pastorinhas, o carnailha, a festa em honra a Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade. Manifestações que fomentam o turismo, principalmente o Carnailha, Festival e a festa do Carmo.

Esse estudo tem como principal objetivo analisar fonológica e foneticamente a palatalização do /s/ pós-vocálico, e com a ajuda da ferramenta Praat, será possível observar quais são os contextos linguísticos que servem de gatilho para a realização da palatalização na fala do Parintinense. Mas além disso, essa pesquisa visa trazer para a comunidade, a opinião dos informantes acerca de seu próprio jeito de falar e como isso contribui para a formação identitária como parintinense.

A primeira etapa para a realização dessa pesquisa foi a consulta bibliográfica, para levantamento e seleção de trabalhos já foram realizados sobre esse fenômeno na região e

no Brasil. Logo depois, partiu-se para a pesquisa de campo, com o objetivo de coletar os dados necessários em uma condição natural, que é a fala dos informantes.

Logo, partindo para as escolhas dos informantes, já que para a coleta do fenômeno linguístico presente na fala do parintinense, é imprescindível partir do indivíduo, para termos a noção do comportamento linguístico de seus componentes, ou seja, para podermos ter certeza que existe a palatização do /s/ em coda final e medial na fala parintinense, primeiramente precisamos coletar amostras com indivíduos representativos dessa comunidade de fala.

Considerando as dimensões sociais do *Locus* da pesquisa, foi estipulado menos informantes, pelo fato de não haver necessidade de amostras grandes uma vez que “o uso linguístico é mais homogêneo do que o comportamento humano acerca dos fatos, em virtude de não estar tão sujeito à manipulação consciente [...]”. (COELHO, 2010, p. 114) Além do mais, para a pesquisa estatística e quantitativa desse estudo, não é preciso ter muitas gravações.

Com isso, a pesquisa contou com 7 informantes, com idades entre 18 e 30 anos e mais de 30 anos, divididos entre idade, sexo/gênero e escolaridade: 2 mulheres entre 18 e 30 anos, 2 mulheres com mais de 30 anos, 2 homens com idade entre 18 e 30 anos e 1 homem com mais de 30 anos de idade.

Dessa forma, passou para outra fase dessa pesquisa, que foi determinar o instrumento para a coleta de dados, já que os instrumentos de pesquisa “[...] são o embrião do relato. O desenvolvimento da investigação tem a coleta de dados como procedimento indispensável [...]” (SIMÕES & GARCIA, 2014, p. 104), seguindo a natureza da pesquisa, a entrevista foi estipulada para a coleta de dados.

A entrevista “É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados [...]” (Lakatos e Marconi, 2017, p. 212), sendo possível obter informações necessárias para a análise do fenômeno na fala dos parintinenses escolhidos. Assim, foi feita uma entrevista sociolinguística, pautando perguntas abertas que estimulem a descrição, os argumentos de procedimentos e opiniões e argumentos, onde duas perguntas fechadas e importantes para a análise se encontram, são elas: “Se que as pessoas que morram em Parintins falam diferente das pessoas que morram em outros lugares do Amazonas?” e “Se o Parintinense fala Chiado?”.

De tal modo que a gravação das entrevistas individuais se fez importante para a coleta, pois segundo Coelho (2010) é nela que os dados mais interessantes são provenientes. A entrevista consistiu-se em uma conversa entre o pesquisador e entrevistado, com isso, usando-se de outro instrumento que é o gravador do aparelho celular, foi possível gravar o posicionamento diante de muitas perguntas feita face a face pelo entrevistador. Além

disso, a pesquisa contou com a coleta em gravações de leitura de lista de palavras, tendo como interesse a diversificação da coleta e que permita “identificar fenômenos de variação estilística” (Coelho, 2010, p. 122), no caso desse estudo o fenômeno da palatalização do /s/ em coda silábica e suas variantes.

Uma conversação efetuada com a finalidade de obter não só as informações, mas saber a opinião dos entrevistados acerca da diferença de fala deles próprios para outros locais do Amazonas e o *chiado* (palatalização) que é encontrado na fala dos mesmos. Dessa forma, a entrevista foi com perguntas abertas e fechadas, ou seja, não padronizadas “não existe rigidez de roteiro; o pesquisador pode explorar mais amplamente algumas questões, tem mais liberdade para desenvolver a entrevista em qualquer direção” (PRODANOV, 2013, p. 106), tendo como objetivo obter do entrevistado respostas para uma mesma pergunta e analisá-las no comparativo das outras respostas.

A entrevista segundo Oliveira (2013) é um excelente instrumento de pesquisa, permitindo a interação entre pesquisador e entrevistado. Sendo estipulada para averiguação de fatos, para descobrir detalhadamente se a palatalização do /s/ em coda silábica no meio e no final de palavras é de fato presente na fala do parintinense. E a determinação das opiniões sobre os fatos, onde foi possível conhecer o que os entrevistados pensam sobre a diferenciação da fala do parintinense para outras regiões do Amazonas e dos chiados comuns na fala dos próprios e de outros sujeitos.

6 | ANÁLISE DOS DADOS: TRECHO DAS FALAS DOS INFORMANTES E COMENTÁRIO

Informantes do sexo Feminino com idade entre 18 e 30 anos

Informante 01 - 25 anos – Ensino Médio Completo

Não, falamos o mesmo linguajar, as mesmas gírias nas falas. Acho porque como nascemos na região, e o modo de falar, esse linguajar vem de geração a geração, é o estilo caboclo amazonense como falamos.
Pelo meu ponto de vista não, falas com chiados é bem diferente. Somente algumas cidades fora do Amazonas falam chiado.

De acordo com meus conhecimentos prévios, em relação a cultura, eu acredito que sim nós falamos diferentes de outras localidades do Amazonas, que ocorre também se for comparado a nível Brasil, por exemplo, o estado do Amazonas tem um sotaque nortista que é muito diferente do sotaque Paulista, do Carioca, do Sulista. Então sim, no Amazonas em si, no estado, ocorre variação também.

O parintinense tem um chiado ao pronunciar o “s” no meio ou no final das palavras, como por exemplo, a palavra mesmo ou mesmos sempre sai com esse chiado, diferente já dá pronuncia do manauara, que já sai com aquele assobio, já é mais, como a gente fala nê, popularmente fala o manauara fala fininho. Então, sofre sim essa variação, ocorre sim essa variação com frequência de uma cidade para outra. A questão é que a Amazônia em sim, a parti do momento que ela foi colonizada e ocupada, ocorreu todo aquele processo de vinda de pessoas de outros países para ocupa as terras Amazônicas em si, ele foi gerando um misto cultural, que influencia fortemente na questão da linguística, por exemplo, nosso “s” chiado ele tem uma influência muito forte e muito intensa que os próprios portugueses, ou pelo menos, a capital de Portugal, Lisboa, pronunciam muito esse “s” chiado. Como o exemplo que eu utilizei do manauara, ele tem a fala fininha do “s” assobiado, já de influência dos próprios nordestinos que já vieram, ocuparam as terras, se apropriaram de determinadas áreas e se estabeleceram, assim como tem a influência dos próprios negros, dos Afros, tem muito essas questão cultural, entendeu? Além dos afros, também a própria linguagem indígena que influencia muito no dialeto amazonense, há termos que a gente usa que tem essa raiz indígena, afro e europeia, então sim varia de uma localidade para outra, na questão da linguística.

Informantes do sexo Feminino com mais de 30 anos

Informante 03 - 30 anos – Ensino Médio Completo

Acho que os Parintinenses falam sim diferente das outras localidades do Amazonas. Mas não tem muito chiado em suas falas, principalmente nas palavras com “s”.

Informante 02 - 38 anos – Ensino Superior completo

Sim, o modo como falamos aqui é diferente de todos os outros locais, inclusive das cidades próximas ao município, eu diria que o nosso jeito de falar, que é único, é nossa marca registrada.

Sim, falamos com um chiado nas palavras com “s”, algumas pessoas parecem até que tem esse “s” mais carregado na fala, é típico do nosso jeito de falar, você dificilmente vai encontrar um parintinense raiz que não tenha o chiado característico.

Informantes do sexo Masculino com idade entre 18 e 30 anos

Informante 01 - 23 anos – Ensino Médio Completo

Sim, pois apesar de sermos da mesma região tem uma maneira como se fosse algo que aprendemos e adquirimos conforme a vivência entre familiares e amigos.

Sim e muito, o som chiado ecoa muito na troca de conversa entre pessoas e a pessoa por já está acostumada a isso não percebe muito, mas se você parar para analisar um estante você consegue escutar o chiado do “s” nas palavras.

Sim, porque a gente tem um sotaque diferente de cada região, a gente tem uma linguagem diferente que é própria nossa, aí em outra região é diferente. A gente fala meio chiado

Informante do sexo masculino com mais de 30 anos.

Informante 03 – 34 anos – Ensino Médio Completo

Eu acho que temos uma linguagem mais ou menos parecido com a do Paraense, mas acho que sim. Com certeza, eu acho que na minha opinião alguns sim e alguns não, vai da pessoa e como ela pronuncia a palavra.

Nesses trechos retirados da entrevista feita com informantes do sexo feminino e masculino com idade entre 18 e 30 anos e mais de 30 anos, observa-se as opiniões dos informantes acerca de duas perguntas, o objetivo dessa entrevista foi de identificar o que os informantes pensam em relação a sua própria fala e se reconhecem nela a realização do fricativa palatal, o *chiado*, característico na fala do parintinense.

Dessa forma, pôde-se observar na fala da informante 01 *Não, falamos o mesmo linguajar, as mesma gírias [...] evidências de um discurso de homogeneidade diante das variações existente na fala dos moradores dessa região do país. Porém, se for levar em consideração o que é subentendido, o próprio discurso de enxergar que os parintinenses não falam diferente de outras regiões do Amazonas, não se aplica comparado ao nível do país, pois considerando essa afirmação subentende-se que falamos diferente de outras regiões do Brasil.*

Ao ser perguntada sobre o *chiado* característico da fala do parintinense a Informante 01 afirma que *falas com chiados é bem diferente* e a Informante 03 afirma que [...] *mas não tem chiado em suas falas, principalmente em palavras com “s”* evidenciam alguns aspectos que considerados pode estar atrelada a falta de conhecimento da formação cultural e social, que acaba por desconsiderar a variação dialetal existente dentro do estado do Amazonas. Mas isso não significa que não fazem uso delas, isso porque, segundo Coelho et. al. (2010) seu uso se dá inconscientemente e é um traço indicador que está alheio a variação estilística, ficando somente na estratificação da variante linguística.

Nos trechos do informante 05, existe a variação entre dialetos envolvendo as microrregiões do estado e o *chiado* na fala dos munícipes de Parintins.

Pode-se destacar nas falas da informante 04 do sexo feminino, os trechos *eu acredito que sim, falamos diferentes de outras localidades do Amazonas*, também o trecho [...] *o estado do Amazonas tem um sotaque nortista que é muito diferente do sotaque Paulista, do*

Carioca, do Sulista. Pôde-se perceber que ela conseguiu formular uma resposta que invoca as variações regionais do Brasil, que para Coelho et. al. (2010) a variação regional pode ser estudada colocando em oposição diferentes espaços, a variação regional caracteriza falares e identifica falantes através do modo como a pessoa fala.

Observa-se isso também nas falas do informante 04 do sexo masculino [...] *a gente tem um sotaque meio diferente de cada região* a percepção em relação à variação dialetológica, que influencia na identidade, como pode-se perceber no trecho [...] *a gente tem uma linguagem diferente que é própria nossa* [...] a intuição de entender que sua fala é que difere ele de outras localidades e a compreensão de que isso é próprio dele e único. Além disso, no trecho da informante 04 feminino: *Então sim, no Amazonas em si, no estado, ocorre variação também* destaca-se a utilização do termo **variação** termo técnico que não é muito utilizado pelo público em geral.

Em relação ao *chiado*, destaca-se na fala da informante 04, mulher, os trechos: *O parintinense ele tem um chiado ao pronunciar o “s” no meio ou no final das palavras, como por exemplo, a palavra mesmo ou mesmos sempre sai com esse chiado* e o trecho [...] *nosso “s” chiado ele tem uma influência muito forte e muito intensa que os próprios portugueses, ou pelo menos, a capital de Portugal, Lisboa, pronunciam muito esse “s” chiado*.

Nesses trechos, a informante trata sobre a realização da palatal em coda silábica, e nos traz a referência histórica da evolução da língua portuguesa, que no século XVIII “o /S/ implosivo que ocorreu em posição silábica interna ou externa sofreu, [...] um processo de palatalização iniciada no sul de Portugal que, gradativamente, foi se estendendo para os dialetos do norte do país”. (CASTRO *apud* RAZKY & SANTOS, 2020, p. 08-09) a informante traz em sua fala uma boa base de conhecimento acerca da realização do /s/ pós-vocálico em meio e final de palavra, reconhecendo em sua própria fala a realização do chiado, consecutivamente, a realização de uma das fricativas alveopalatal.

Outro trecho a ser destacado é o do informante do informante 03 masculino, 34 anos, no qual ele diz: *Eu acho que temos uma linguagem mais ou menos parecida com a do paraense, mas acho que sim*; e de fato temos, isso percebe-se na própria palatalização do /s/ pós-vocálico, pois segundo Razky e Santos (2020) partindo da hipótese de Cruz (2004), que foi confirmada por Maia (2012), foi possível perceber que em localidades mais próximas do Pará, como Barcelos, Itacoatiara e Parintins, tendem a utilizar a fricativa palatal. Segundo Maia et. al. (2017) no Noroeste e ao leste, onde se encontra Parintins, prevalece a pronúncia alveopalatal, tendo como maior índice de frequência a fricativa palatal [ʃ] surda.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse projeto de pesquisa foi analisar de forma detalhada o fenômeno da palatização; além disso, contribuir como fonte para a comunidade acadêmica e para a área dos estudos linguísticos de Parintins, pois contribui ao estudo mais detalhado de um fenômeno linguístico na fala do parintinense.

O que se torna interessante, além do fato de estudar a palatização, é saber como o povo parintinense reconhece esse fenômeno em sua própria fala. Outros trabalhos foram feitos em relação à fala do parintinense e amazonense, destaca-se Farias (2010) e Cruz (2004). Foi possível observar como a palatização é um traço identitário do povo parintinense; por isso, se tornou importante saber o que o informante acha desse linguajar que o difere de outros tanto do Amazonas, quanto do Brasil.

O estudo profundo desse fenômeno se torna relevante social e educativamente para a comunidade local e para a compreensão da avaliação sociolinguística, pois, contribui para o conhecimento de nossa identidade linguística, e como ela é constitutiva de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BISOL, Leda. et. al. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro** / org. Leda Bisol. 3.ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico** / Luiz Carlos Cagliari. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

CARAMA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.

COELHO, Izete Lehmkuhi. **Sociolinguística** / Izete Lehmkuhi Coelho... [et al.]. – Florianópolis: LLV/ CCE/UFSC, 2010.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas linguístico do Amazonas – ALAM: a natureza de sua elaboração**. UFAM. Instituto de Ciências Humanas e Letras. Departamento de Língua e Literatura Portuguesa. Campus Universitário. Manaus – Amazonas – Brasil. Endereço eletrônico: luizacr@uol.com.br

FARIAS, Katriana Jacaúna. **As variações dialetais Parintinense: contribuição da sociolinguística aos falares Amazônicos/Amazônidas**. Guajará – Mirim, 2010.

GERALDI, João Wanderley. et al. **O texto na sala de aula** – 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.

GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. **Variação linguística e ensino da gramática**. Work. pap. linguíst., 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun. 2009.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2005.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento de metodologia científica**. Mariana de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos – 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Tradução: Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Sousa

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**/Maria Marly de Oliveira. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PEDROSA, Juliene Lopes R.; HORA, Demerval. **Análise do /S/ em coda silábica: uma proposta de hierarquização dos candidatos gerados**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Edição especial n. 1, 2007.

PINTO, Erick Marcondes da Silva. **Aspectos sociolinguísticos da palatização de /S/, /D/, /T/ e /L/ do português brasileiro**. Parintins – Amazonas, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**/Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2 ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAZKY, Abdelhak. SANTOS, Diego Coimbra dos. **Estudos comparativo do /s/ em posição de coda silábica nos atlas linguísticos estaduais da Região Norte**. Revista Moara, n. 55, jan-jul 2020.

SEARA, Izabel Christine. **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período** / Izabel Christine Seara, Vanessa Gonzaga Nunes, Cristine Lazzarotto-Volcão – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SIMÕES, Darcília M. P.; GARCÍA, Flavio. **A pesquisa científica como linguagem e práxis**. Darcília M. P. Simões e Flavio García (orgs.) Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. Thaís Cristóforo Silva. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, Lygia de Lima. **Diversidade linguística no ensino de português: desafios do professor de língua materna no contexto escolar**. /Lygia de Lima Souza, 2017.



LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

 www.arenaeditora.com.br

 contato@arenaeditora.com.br

 [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)

 www.facebook.com/arenaeditora.com.br

**Atena**
Editora
Ano 2023



LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br